

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
TRIBUTO A JORGE SALAVISA
Em colaboração com INSHADOW – LISBON SCREENDANCE FESTIVAL
4 de Dezembro de 2021

JORGE SALAVISA – KEEP GOING / 2010

um filme de Marco Martins

Realização: Marco Martins / **Direcção de Fotografia:** Marco Martins e Rui Xavier / **Som:** Armanda Carvalho / **Montagem:** Mariana Gaivão / **Pós-Produção:** Rui Cavaco e Paulo Américo / **Mistura de Som:** Elsa Ferreira / **Montagem adicional:** Cláudia Varejão e Pedro Duarte / **Pesquisa:** Patrícia Faria / **Uma ideia de:** Luísa Taveira e Miguel Honrado

Produção: Filmes do Tejo II, Maria João Mayer, Patrícia Faria / **Co-Produção:** EGEAC EEM, Fundação Calouste Gulbenkian, RTP2 / **Cópia:** Digital, cor / **Duração:** 61 minutos / **Estreia em Portugal:** Teatro São Luiz, 26 de Setembro de 2011 / **Primeira exibição na Cinemateca**

Com a presença de **Maria João Mayer, Miguel Honrado e Ana Rita Barata.**

*

Figura maior do panorama cultural e artístico nacional, Jorge Salavisa (1939-2020), bailarino, coreógrafo, professor e director, é o principal homenageado da 13.^a edição do InShadow.

Se as duas primeiras sessões-tributo se centraram de forma oblíqua na sua pessoa, abrindo com uma retrospectiva de filmes premiados nas primeiras edições do InShadow – festival que Salavisa ajudou a lançar – e passando por uma sessão dedicada a Pina Bausch, coreógrafa e bailarina que o Teatro São Luiz (então dirigido por Salavisa) viu dançar pela última vez, esta última sessão devolve-lhe imagem e palavra, sob o olhar do realizador Marco Martins.

Jorge Salavisa – Keep Going encontra o nosso homenageado numa fase de reminiscência pessoal e profissional, algures entre a vontade de continuar em frente e a de olhar para trás, com um deslumbramento caracteristicamente desafectado; e o tom honesto, confessional e subtilmente elegíaco que daí decorre – mais ainda no contexto explícito deste visionamento, pouco mais de um ano volvido do seu falecimento – é, em larga-escala, o seu grande trunfo.

Mas o filme não se contenta em ilustrar as palavras do depoente – que, de resto, nunca trata como tal, mas como interlocutor num diálogo invisível, com um comunicador fora-de-campo, um espectador em potência, ou até um filme que se desdobra perante si. Mais do que trilhar uma narrativa que glorifique as palavras de Jorge Salavisa, o documentário de Marco Martins parece captar-lhe uma musicalidade, uma métrica, que depois replica imagetivamente. Toda a secção de abertura, com imagens da vida do próprio Salavisa a confundir-se com uma ideia de memória colectiva, funcionam a este nível – com a poesia a preceder a prosa elucidativa.

Não por acaso, o filme abre com uma citação de Samuel Beckett – “Dance first. Think later.” – que se estenderá tanto à obra de Salavisa quanto ao objecto em análise, onde a dança das imagens parece convidar à reflexão, mesmo nos momentos mais abertamente ilustrativos. É a fluidez (e ousadia pontual) da edição que nos devolve à figura de Jorge Salavisa com uma crescente sensação de tangibilidade – de vida-vivida – e um renovado sentimento de empatia.

O material de arquivo, mais do que meramente expositivo, surge com uma cadência própria, regressando várias vezes a um *leader* em contagem decrescente que – por apreço estético, como por desígnio narrativo – assume, ou fantasia, o presente documentário como suposta colagem de apontamentos soltos, visão em mosaico de uma vida em reminiscência. Salavisa, aliás, é o primeiro a compartimentalizar (de forma lúdica, mas com toda a seriedade que dita ludicidade tão bem encerra) a sua carreira, os seus sonhos, prazos, desafios e objectivos.

Aos poucos, começamos a ganhar uma visão crescentemente global do tempo e da natureza da ascensão de Jorge Salavisa, muito por via dos cruzamentos – tanto circunstanciais quanto estruturais e metodológicos – que cultivou com figuras de renome internacional, como Rudolf Nureyev, Galina Samsova ou Margot Fonteyn, talhando um percurso singular que lhe trouxe tanto um grande crescimento como artista, quanto o reconhecimento lhe hoje lhe atribuímos.

Salavisa dizia comumente que deixaria a carreira de bailarino aos 35 anos de idade – e não se enganou por muito. Assumiu a direcção do Ballet Gulbenkian, cargo que desempenhou ao longo de quase vinte anos, e esgrimiou-se pela consolidação de uma base identitária renovada na companhia, menos dependente de repertórios externos – uma remodelação assente numa procura por novos coreógrafos, que nos trouxe nomes como Olga Roriz e Vera Mantero. Após uma breve passagem pela direcção da Companhia Nacional de Bailado, assumiu a direcção do Teatro São Luiz, cargo que ocupou, por quase dez anos, com manifesta felicidade – muito em particular pela forma como soube trazer ao espaço uma abrangência artística renovada.

É precisamente no São Luiz onde o encontramos, no decorrer do presente filme – e de onde nos relata todo este percurso com uma descrição que parece determinar a natureza do próprio filme. Ao invés de ressaltar ou glorificar os feitos da figura em análise, **Jorge Salavisa – Keep Going** apresenta-os com a naturalidade de alguém que, em boa verdade, talvez nunca tenha parado para os contemplar, não fosse perder de vista todos os que ainda visava alcançar.

Esta casualidade – nas passagens de voz, como nas texturas fílmicas – eleva sobremaneira o impacto cumulativo do filme, convidando não unicamente a uma resposta emocional muito acima daquela que a própria construção parece indiciar, como suscitando o efeito de raro de nos surpreender, até por aquilo que já sabíamos, ou julgávamos saber, sobre Jorge Salavisa.

O momento basilar do filme, neste sentido, e a haver, será sensivelmente a meio, ao sermos devolvidos a uma espécie de presente diegético – 2010 – onde somos finalmente conduzidos à figura até então poético-elusiva de Jorge Salavisa, confrontando-o com a sua voz e imagem passadas, adensando uma dialéctica temporal constante ao longo do filme que aqui ganha uma força renovada. Mais do que nunca, sobressai a ideia de um filme a dois tempos: de um passado (em arquivo e na memória), de um presente (em diálogo) – e da natural combinação dos dois, um passado-presente em movimento, cinquenta anos numa hora, “keep going.”

Onze anos volvidos da presente construção, todas estas questões temporais estão firmadas num passado efectivo, objectivo – tanto o documentário de Marco Martins, quanto as imagens de arquivo que o constituem, são parte de um arquivo crescente e em constante movimento, algo que o recente falecimento de Jorge Salavisa apenas vem ressaltar: o presente é agora.

É neste sentido que o InShadow – Lisbon Screendance Festival se predispôs a dedicar um pouco do seu presente a honrar directamente uma figura incontornável das suas origens. Da primeira mostra no São Luiz, a este momento tripartido na Cinemateca, e a outros tantos que se avizinhem, a Jorge Salavisa o nosso muito obrigado. Seguimos juntos em frente.

João Coroa Justino (Equipa do Festival InShadow)